

# Os Testes do Tempo

*Uma grande obra sobre grandes obras que deve ser presença incontornável em qualquer biblioteca que se preze.*

**E**m dez anos de existência, o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa tem muitos motivos de orgulho.

Mas nesses dez anos de ensino e produção académica, um dos momentos mais singulares da instituição aconteceu no ano lectivo de 2004-2005, quando Anthony O'Hear, director do Royal Institute of Philosophy, de Londres, leccionou o seminário "A Tradição dos Grandes Livros" em Lisboa. O resultado dessa experiência lectiva pode agora ser lido em *The Great Books: From 'The Iliad' and 'The Odyssey' to Goethe's 'Faust'; A Journey through 2,500 years of the West's classic literature*. No fundo, uma grande obra sobre grandes obras que deve ser presença incontornável em qualquer biblioteca que se preze.

A proposta de O'Hear não deixa de remar contra um certo espírito do tempo. Existirá uma "Tradição dos Grandes Livros" (com maiúsculas)? Ou, como afirma algum pensamento politicamente correcto, falar de Homero, Platão ou Dante será prestar vassalagem a um mundo irremediavelmente *dead, white and male*?

O'Hear não perde tempo com este pensamento primitivo, que curiosamente corrompeu, sobretudo na década de 90 do século passado, os mais vetustos departamentos de Humanidades, nos Estados Unidos e na Europa. Mas se O'Hear não procura rebater esta pedestre interpretação, interessa ao autor lidar com outra: uma interpretação que, embora não negue a existência de uma "Tradição dos Grandes Livros", entende que essa tradição não deve ser estudada (e escutada) nos seus próprios termos; deve, pelo contrário, ser adaptada ao nosso espírito e, de preferência, ser uma mera projecção da nossa condição.

O objectivo de O'Hear é o inverso: as grandes obras existem independentemente da nossa "adesão" a elas; e existem porque expressam uma verdade que é anterior, e superior, à nossa "vontade". Partindo de Homero (com a *Iliada* e a *Odisseia*) e terminando a sua digressão com a segunda parte de Fausto, de Goethe, O'Hear revisita ainda a tragédia grega (Ésquilo com *Agamemnon*; Sófocles com *Antígona*; Eurípedes com *As Bacantes*); Platão; a *Eneida*, de Virgílio; Santo Agostinho (as *Confissões*); a *Divina Comédia* de Dante; Chaucer e Shakespeare (com *Henry V*, *Hamlet* e *The Tempest*); Cervantes; Milton; Pascal (*Pensées*) e Racine (*Phèdre*). E nestes 15 nomes, o método é repetidamente o mesmo: depois de uma breve apresentação da obra, do autor e do seu tempo, O'Hear procede a uma detalhada análise do livro em

questão (com uma acuidade que, por vezes, se espria de verso em verso) tecendo, no final, conclusões de natureza política ou filosófica que são relevantes para a compreensão da obra.

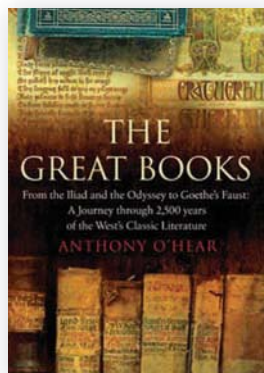
Naturalmente que a escolha implica uma justificação. O'Hear não se furta a ela. Ao apresentar 15 autores como centrais do "cânone", O'Hear procura as obras que sobreviveram aos "testes do tempo"; e que sobreviveram por transportarem ainda algo de valioso para a época presente: meditações intemporais sobre a guerra e a paz, como nos poemas de Homero; sobre a culpa e a redenção, como na "odisseia" espiritual de Santo Agostinho ou na história da Queda de Milton; sobre a vingança e a justiça,

como no príncipe dinamarquês de Shakespeare ou na *Antígona* de Sófocles, tragédia que, embora expresse a inevitável conflitualidade entre valores distintos, não será, como diria um pluralista radical, expressão de uma conflitualidade incomensurável entre esses mesmos valores: para O'Hear, a moralidade que motiva Antígona procede de uma fonte que será sempre superior à mera legislação humana, defendida por Creonte.

Mas a escolha de O'Hear não se explica apenas pela perenidade das obras. Explica-se também pelo facto de estarmos na presença de autores que foram continuamente retomando a tradição clássica e cristã, revisitando e aprofundando temas cultivados pelos seus antecessores. A *Eneida*, de Virgílio, pode ser um grande épico sobre Roma (e, naturalmente, produto da Roma imperial de Augusto); mas será possível ler Virgílio sem atender à sombra de Homero que paira, desde logo, sobre Eneias, o príncipe de uma Tróia destruída? O'Hear não nega que, depois de Goethe, o último autor das suas in-

vestigações, é possível encontrar em Tolstói ou em Flaubert, por exemplo, iguais monumentos de literatura incontornável. Mas a leitura de *Guerra e Paz*, ou de *Madame Bovary*, não implica um conhecimento da "tradição" intelectual do Ocidente que Virgílio, Dante ou Milton exibem e exigem.

E no final desta odisseia interpretativa, qual a mensagem de O'Hear? Curiosamente, a mensagem está resumida na epígrafe do presente volume, da autoria do esquecido John Cowper Powys: ler os grandes livros não nos torna simplesmente mais "cultos" ou "intelectuais"; eles permitem, sobretudo, que algo da percepção de Dostoievski, da imaginação de Shakespeare ou da sabedoria de Goethe possa passar para a personalidade do leitor, permitindo que a vida humana revele uma profundidade e grandeza insuspeitadas.



**The Great Books: From 'The Iliad' and 'The Odyssey' to Goethe's 'Faust': A journey through 2,500 years of the West's classic literature**

Anthony O'Hear

Icon Books, Londres, 2007